



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO - UFRPE
UNIDADE ACADÊMICA DE SERRA TALHADA – UAST
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

IRLANI RAMOS DE OLIVEIRA

UMA BUSCA PELA IDENTIDADE EM A *SOMBRA DO OKÁ*,
DE OLINDA BEJA

Serra Talhada - PE
2019



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO - UFRPE
UNIDADE ACADÊMICA DE SERRA TALHADA – UAST
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

IRLANI RAMOS DE OLIVEIRA

UMA BUSCA PELA IDENTIDADE EM A *SOMBRA DO OKÁ*,
DE OLINDA BEJA

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura Plena em Letras da Universidade federal de Pernambuco – UFRPE, Unidade Acadêmica de Serra Talhada – UAST, como requisito obrigatório para conclusão do curso e obtenção do grau de Licenciatura em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Kleyton Ricardo Wanderley Pereira

Serra Talhada – PE
2019

Com base no disposto na **Lei Federal N° 9.610**, de fevereiro de 1998, [...] Autorizo para fins acadêmicos e científicos a UFRPE/UAST, a divulgação de reprodução total, desta monografia intitulada **UMA BUSCA PELA IDENTIDADE EM A SOMBRA DO OKÁ, DE OLINDA BEJA**, sem ressarcimentos de direitos autorais, da obra, a partir da data abaixo indicada ou até que a manifestação em sentido contrário de minha parte determine a cessação desta autorização.

Assinatura

Data

Ficha Catalográfica

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE
Biblioteca da UAST, Serra Talhada - PE, Brasil.

O48u Oliveira, Irlani Ramos de

Uma busca pela identidade em à sombra do Oká de Olinda Beja / Irlani Ramos de Oliveira. – Serra Talhada, 2019.

39 f.

Orientador: Kleyton Ricardo Wanderley Pereira

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura em Letras) – Universidade Federal Rural de Pernambuco. Unidade Acadêmica de Serra Talhada, 2019.

Inclui referências.

1. Pós-colonialismo. 2. Literatura santomense. 3. Literatura portuguesa. I. Pereira, Kleyton Ricardo Wanderley, orient. II. Título.

CDD 400

IRLANI RAMOS DE OLIVEIRA

**UMA BUSCA PELA IDENTIDADE EM A *SOMBRA DO OKÁ*,
DE OLINDA BEJA**

Monografia apresentada em ___/___/_____

BANCA EXMINADORA

Prof. Dr. Kleyton Ricardo Wanderley Pereira (UFRPE/UAST)
(Orientador)

Profa. Dr. Valquíria Maria Cavalcante de Moura (UFRPE/UAST)
(Examinadora 1)

Prof. Dr. Rogério Fernandes dos Santos (USP)
(Examinador 2)

*A minha mãe, Adalgisa, por nesta caminhada
estar sempre ao meu lado me dando forças e
contribuindo para o meu crescimento.*

AGRADECIMENTOS

Assim como tudo deve ser feito, não por obrigação, mas por imensa gratidão inicialmente agradeço a Deus, por todas as coisas maravilhosas que Ele me proporcionou nesta jornada. Pela inserção de amigos, os quais me ajudaram nos momentos difíceis, por professores competentes e dedicados, que me ensinaram até mais do que a disciplina proporcionava, por minha família, que suportou todos os meus surtos durante essa caminhada.

Em segundo lugar, agradeço aos meus pais, Luiz e Adalgisa, que sempre estiveram comigo e me apoiaram nesta jornada. A minha mãe em especial, pois ela, como boa professora que é nunca deixou de ser uma ótima mãe e proporcionar, não somente a mim, mas também aos meus três irmãos, uma boa educação, que envolveu amor, carinho e respeito. A ela porque em todo esse período estive comigo e sempre me incentivou a não desistir.

Agradeço as minhas amigas de jornada, Ana, Juliana e Patrícia, uma turminha de respeito, que foi ganhando meu coração. Ana com as suas mil e uma utilidades, que nos deixavam perplexas com tantas habilidades. Juliana com sua meiguice, um doce de pessoa e sempre pronta para ajudar. E Patrícia, os “coice da mula”, mas uma pessoa supersensível, só quem conviveu intensamente com ela, como eu, sabe o tamanho do coração daquela galega azeda. Agradeço por ter convivido com pessoas tão inteligentes, meigas e brutas, sensíveis e fortes como elas.

Seguindo a linha das amigadas, não poderia deixar de agradecer a duas amigas especiais, Edileuza e Patrícia Melo, elas que me ajudaram tanto em um momento difícil, o qual não estava conseguindo me reerguer, mas com palavras e carinhos dessas duas me levantei e continuei, para que assim terminasse este TCC.

Ao meu filho, Júnior, que nos momentos que eu estava estudando ele sempre pedia para seus colegas não fazerem barulho ao entrar em casa, pois “mamãe está estudando, xiiii” (JÚNIOR, durante cinco anos). Ele que sempre foi minha companhia, minha alegria, meu desespero e meus momentos de “gente, mas o que é isso?!”. Sempre me surpreendendo, maioria das vezes para melhor. É ele que me inspira a sempre continuar, a sempre buscar ser melhor, tanto para dar-lhe um bom futuro, quanto para dar-lhe um bom exemplo.

Aos meus professores da UFRPE/UAST, os quais não os citarei diretamente, pois poderia esquecer algum nome, mas a todos que passaram pela nossa turma esboço

imensa gratidão por sempre oferecerem o melhor, mesmo que, nem sempre tenham recebido o melhor.

Ao meu orientador, professor Kleyton Pereira, que sempre esteve pronto a me ajudar na construção do TCC, mesmo sendo tão corrido para mim, sempre me entendeu e me incentivou a continuar. A ele a minha imensa gratidão.

No mais, a todos aqueles que me ajudaram direta ou indiretamente na construção desse trabalho. Aqueles que me mandaram energias positivas e acreditaram que eu iria conseguir. Agradeço de coração a todos que torceram por mim.

Muito obrigada!

RESUMO

Neste trabalho, buscamos analisar a obra *À sombra do Oká* da escritora santomense Olinda Beja, no interesse de aprofundar os estudos na presença do seu Eu-lírico voltado para sua terra natal e, conseqüentemente a sua construção identitária através de seus poemas. Partiremos da história do colonialismo e o que se deu após este momento, o pós-colonialismo, na vida e literatura dos países africanos, sempre nos apoiando na teoria de Thomas Bonnici (2009), o qual nos traz uma perspectiva ampla a respeito do pós-colonialismo e suas construções ao longo do tempo, como também utilizaremos as propostas de Inocência Mata (2010), onde a autora aborda em seu livro “Polifonias Insulares” temas relacionados à voz da cultura e literatura de São Tomé e Príncipe. Faremos uma breve apresentação da “Cultura insular”, a qual norteia o nosso tema central, utilizando como embasamento teórico o escritor Amarino Oliveira de Queiroz (2007), onde em sua tese buscou apresentar elementos qualitativos e quantitativos relacionado às ilhas irmãs e também à escritora Olinda Beja. E por fim, apreciamos a obra citada, onde procuramos elencar elementos que nos mostram a construção dessa identidade santomense, sempre citando trechos fragmentados da obra para relacionar às nossas percepções.

Palavras-chave: Pós-colonialismo, Identidade santomense, *À sombra do Oká*.

ABSTRACT

In this work, we seek to analyze the work *À sombra do Oká* of the writer Olinda Beja, in the interest of deepening the studies in the presence of her I-lyrical, directed towards her native land and, consequently, her identity construction through her poems. We will start from the history of colonialism and what happened after this moment, postcolonialism, in the life and literature of African countries, always supporting us in the theory of Thomas Bonnici (2009), which gives us a broad perspective on postcolonialism and its constructions over time, as well as the proposals of Inocência Mata (2010), where the author approaches in her book "Insular Polyphonies" themes related to the voice of the culture and literature of São Tomé and Príncipe. We will make a brief presentation of the "Insular Culture", which guides our central theme, using as theoretical basis the writer Amarino Oliveira de Queiroz (2007), where in her thesis sought to present qualitative and quantitative elements related to the sister islands and also to the writer Olinda Beja, And finally, we appreciate the work cited, where we seek to list elements that show us the construction of this St. Francis identity, always quoting fragmented pieces of the work to relate to our perceptions.

Key words: Postcolonialism, Saint Identity, In the shadow of the Oká.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1	
1. O COLONIAL E O PÓS-COLONIAL NAS LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA	13
CAPÍTULO 2	
2. A CULTURA INSULAR	19
2.1 A ESCRITORA, OLINDA BEJA	22
CAPÍTULO 3	
3. À SOMBRA DO OKÁ, ANÁLISE	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
REFERÊNCIAS	41

INTRODUÇÃO

O presente trabalho dispõe-se analisar a obra “À sombra do Oká” da escritora santomense Olinda Beja, buscando relacionar os seus poemas a uma possível construção identitária da autora. Nesse sentido, procuramos atentar para elementos que compõe a obra a fim de que estes nos mostrem esta formação identitária santomense. A partir disto, nossa análise volta-se para algumas discussões sobre o pós-colonialismo, onde se deu o início de uma literatura cheia de escritos em que são expostos os temas mais fortes desse período, como a chegada dos europeus nas terras africanas, a escravidão, os maus-tratos sofridos pelos nativos, entre outros.

De acordo com Bonnici (2009), “entre o colonizador e o colonizado havia o fator *raça* que construía um relacionamento injusto e desigual”, e isso comprova a ideia de que o “mundo colonial é habitado por gente ‘naturalmente’ inferior, programada pela natureza para trabalhar braçalmente e servir ao homem europeu branco” (BONNICI,2009, p. 262). E foi dessa maneira que se iniciou a vida nas ilhas de São Tomé e Príncipe, pois é válido ressaltar que as mesmas:

[...] estariam desabilitadas quando os portugueses chegaram, [...] apenas em 1493 Álvaro de Caminha, a quem fora doada a capitania, logra os primeiros resultados, com colonos madeirenses [...] degradados, crianças judias e escravos resgatados nas costas africanas [...] para trabalhar nas plantações de açúcar, dando origem a primeira actividade económica nas ilhas: o fabrico de açúcar [...] (MATA, 2010, p.15)

A população santomense se iniciou com pessoas que foram levadas para o trabalho escravo, como bem coloca Inocência Mata em seu livro “Polifonia insulares”, o qual será um dos textos utilizado como embasamento teórico para o decorrer do trabalho. Foi desde o início uma população mestiça, e isso proporcionou diversas línguas reproduzidas nas ilhas irmãs, entre elas o *lunguyé*, falada na ilha do Príncipe e o *forro* na Ilha de São Tomé.

Nesta perspectiva, ressaltamos também a utilização da língua portuguesa, pois devido a convivência com o colonizador, os colonizados aderiram a língua, entretanto nunca deixaram de fazer uso da sua própria língua para se comunicarem entre si. A nossa autora, Olinda Beja, em seus poemas no livro “A sombra do oká” faz uso de algumas sentenças em forro, isso mostra que a sua santomensidade ainda pulsa, e sempre pulsará.

A obra supracitada traz elementos que identificam a santomensidade, desde a utilização de termos em língua forro a lembranças e momentos que, possivelmente não foram

vividos pela autora, mas trazidos a sua vivência com a sua volta à terra natal. Os poemas de Olinda Beja nos mostram toda a força de um povo que tanto sofreu a ser colonizado e escravizado, mas não deixa de mostrar a beleza do lugar exuberante que são as ilhas STP. Há certa fascinação, mostrada na obra, pela natureza que permeia o lugar, e esta admiração é contada em seus versos, fazendo-nos adentrar pelas matas e ali encontrar a sombra do oká.

CAPÍTULO 1

1. O COLONIAL E O PÓS-COLONIAL NAS LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Enquanto movimento de dominação e de poder, o colonialismo fez inúmeras vítimas na sua história e que, de certa forma, moldou a organização geopolítica atual dos países que foram antigas colônias europeias através das lutas pelo domínio local e pela independência. Nesta perspectiva, podemos ressaltar a escrita da literatura africana que vem recheada com relatos de momentos pelo qual o povo africano passou durante o período colonial e a busca pela sua identidade no período pós-colonial.

A literatura africana deixa bem clara as passagens desta colonização em suas linhas. Todas suas dores e progressos foram escritos de forma que possamos entender o que se passou em anos anteriores e estruturar nossas ideias em relação a tal acontecimento histórico. Dessa maneira, poderíamos julgar que o colonialismo teria ajudado a escrever a história da África, mesmo que sendo com viés massacrante e querendo destruir a identidade africana. Pontuemos que o colonialismo deixou marcas profundas em seus colonizados assim com também nos seus descendentes.

De acordo com Bonnici (2009, p.262), “O termo colonialismo caracteriza o modo peculiar como aconteceu a exploração cultural [...] causada pela expansão europeia.”, isto é, uma expressão simpática para dizer que a terra foi invadida e o povo nativo escravizado para que o europeu pudesse explorar e retirar todas as riquezas existentes no lugar. Assim como também a cultura local modificar.

Durante o colonialismo, os europeus impuseram na cultura africana a sua língua, religião, costumes e roupas, coisas as quais os colonizados teriam que aprender e reproduzir, de forma que eles se tornassem uma imagem distorcida dos portugueses. Neste período, africanos foram escravizados e iniciou-se o preconceito devido a cor, como afirma Bonnici, (2009, p.262):

Entre o colonizador e o colonizado havia o fator *raça* que constituía um relacionamento injusto e desigual. Os termos *raça*, *racismo* e *preconceito racial* são oriundos da posição hegemônica europeia. Esse tópico transformou-se numa justificativa para introduzir o regime escravocrata a partir de meados do século XVI, quando se formou a ideia de um mundo colonial habitado por gente “naturalmente” inferior, programada pela natureza para trabalhar braçalmente e servir ao homem europeu branco.

O colonizado foi escravizado porque a raça, ou seja, a cor da sua pele o diferenciava do colonizador português. E é aí que se inicia o racismo contra os negros africanos na forma como conhecemos nos dias atuais. Nessas condições, os africanos, que eram livres em suas terras, passaram a praticar atividades que só beneficiavam os colonizadores e ainda sofriam torturas ou até mesmo eram assassinados caso não obedecessem às ordens.

Aos colonizados foi imposto uma “civilização”, que de tão bem elaborada “escondia a violência e a degradação às quais foram submetidos os nativos” (BONNICI, 2009). Este povo era visto como um ser primitivo, sem cultura e sem religião, diante disso teriam que serem “humanizado”, e neles colocado ações que os tornassem mais aptos à sociedade do colonizador.

Dessa forma, a cultura europeia foi intensificada dentro da cultura africana através da língua, religião e costumes, os nativos, que eram obrigados a seguir a identidade do colonizador, imitando seus costumes, reproduzindo seus comportamentos, mesmo que permanecesse numa situação de inferioridade ou de ‘cidadão de segunda categoria’. Entretanto, o colonialismo criou diferenças catastróficas entre o colonizador e o colonizado. Como afirma Bonnici (2009)

[...] Nas sociedades pós-coloniais, o sujeito e o objeto pertence a uma *hierarquia* em que o oprimido é fixado pela superioridade moral do dominador. O colonizador, seja ele espanhol, português, inglês, se impõe como poderoso, civilizado, culto, forte, versado na ciência e na literatura. Por outro lado, o colonizado é descrito constantemente como sem roupa, sem religião, sem lar, sem tecnologia, ou seja, em nível bestial. [...] (p. 265)

Diante disso, podemos ressaltar o preconceito racial por parte do homem europeu branco, que oprime e retira a cultura de um povo para se satisfazer. O nativo se tornaria um homem “civilizado”, mas nem assim conseguiria chegar aos gostos do homem europeu, e é aí que se instala a desigualdade até hoje sofrida.

O colonialismo se insere em todos os quesitos da vida dos africanos, dentre elas a literatura é bastante afetada por essa fase. Antes da chegada dos europeus havia uma tradição local, onde os nativos viviam seus costumes de forma livre, com a chegada dos europeus isso foi modificado, e os primeiros escritos partiam dos colonizadores, onde os mesmos descreviam o que achavam de exótico na terra desbravada, assim como também se colocavam como heróis por “salvarem o povo selvagem”. Toda a literatura local é afetada pelo processo de colonização, ou seja, “surgiram da experiência da colonização e reivindicaram-se perante a

tensão com o poder colonial e diante das diferenças com os pressupostos do centro imperial” (Bonnici, 2009, p. 267). Pois a literatura também serviu para exigir direitos e mostrar o que se passava na colônia imperial.

Entretanto, não foi sempre assim, inicialmente a literatura era *alienada*, ou seja, os escritores, que eram nativos, não tinham muito a noção do período de colonização, escreviam de acordo com o que era passados para lerem. Sobre isso Bonnici (2009) coloca as literaturas pós-coloniais em dois fatores “(1) a progressão gradual e (2) a convicção de serem diferentes da literatura do centro imperial”:

[...] Na primeira expressão “literária” [...] envolve textos literários que foram produzidos por representantes do poder colonizador (viajantes, administradores, soldados e esposas de administradores coloniais). Tais escritos e reportagens, com detalhes sobre costumes, fauna, flora, e língua privilegiam o centro em detrimento da periferia, porque visam exclusivamente ao lucro que a metrópole terá com a invasão e a manutenção da colônia.

A segunda etapa envolve textos literários escritos sob supervisão imperial por nativos que receberam sua educação na sua metrópole e que se sentiam gratificados em poder escrever na língua do europeu (nessa época não havia nenhuma consciência de ela ser também do colonizador). [...] os missionários africanos [...] sentiam-se privilegiados em pertencer à classe dominante, ou em ser por ela protegidos, e produziam volumes de poemas e romances. (p. 268)

Neste período de *alienação* pode ser constatado nos escritos em que se percebe a influência do colonizador sobre o escritor africano. São textos em que a língua materna dos nativos não é existente, e predomina a linguagem coloquial dos europeus, formando assim uma apatia em relação a sua cultura e linguagem local. É válido ressaltar que, antes da chegada dos europeus, os colonizados possuíam a sua literatura tradicional, onde os elementos que uniam a cultura através dos tempos, como mitos, lendas e saberes dos mais velhos eram a fonte de riqueza para cultura do povo.

Nesta fase em que os nativos se encontravam alienados, eles aprendiam os comportamentos dos europeus para poder reproduzir, entre estes aprendizados está a forma de escrita. Eles leem livros europeus, aprendem palavras europeias, então, conseqüentemente escrevem de forma europeia, fugindo totalmente da realidade em que vivem. Deixando de lado a opressão que sofreram pelos colonizadores. Para eles, naquele momento, foi gratificante, pois se sentiam maravilhados em poderem ter mais contato com o império.

Este momento de alienação foi aos poucos se destituindo, pois os africanos começavam a perceber o que realmente havia ocorrido até chegarem ali, é o momento da

percepção da realidade. Mesmo ainda existindo resquícios da *alienação*, eles começam a compreender a sua realidade, e a escrever sobre isso. Entretanto, ainda há uma visão exótica das coisas ao redor, por isso a linguagem e a forma da escrita vão se modificando aos poucos.

A partir desse período em que o colonizado percebe as condições que o trouxeram até este ponto, há uma *consciência* ainda mais forte, onde ele realmente se dá conta de que foi explorado. Neste momento os escritos passam a ter um teor mais crítico, com elementos que indicam resistência e exaltam a cultura e a defesa dos africanos.

Durante este período de *consciência do colonizado*, os africanos escrevem muitas de suas lutas e dores que passaram no colonialismo. Francisco José Tenreiro, que “foi um escritor que conseguiu, no conjunto da sua obra, a harmonização entre a palavra referencial e a palavra literária” (Mata, 2010, p. 133), mostra, em suas obras, uma vivência mestiça, onde evidencia que a contribuição do colonizador europeu foi de grande importância para a sociedade. Em seus escritos há um teor crítico acerca da violência sofrida, mas também há uma escrita um tanto quanto lusófona, mostrando a influência do europeu na sua educação.

Após este momento de conscientização de seu espaço, os africanos entram na fase de independência, onde ficam mais livres para se expressarem da sua forma. Neste estágio há um período de descolonização, que “é o processo de desmascaramento e demolição do poder colonial em todos os seus aspectos” (Bonnici, 2009, p. 272). Entretanto, Bonnici ainda afirma:

[...] a descolonização é um processo complexo e contínuo e não ocorre automaticamente após a independência política. Após a independência política das colônias, há resquícios poderosos, sempre latentes, das forças culturais e institucionais que sustentavam o poder colonial. Como em geral os defensores e proclamadores da independência sentem-se herdeiros dos modelos políticos europeus e relutam em rejeitar a cultura importada, não podem escapar de uma profunda cumplicidade com os poderes coloniais dos quais queiram se libertar. (p. 272)

Ou seja, a descolonização não foi um processo rápido, pois se tratava não somente de sair de algum lugar e/ou lutar por seus direitos, mas sim da mente do colonizado, e em alguns casos os mesmos não aceitavam tal ato. Por se sentirem seguros ao lado do colonizador e, de certa forma “herdeiros” das coisas que construíram neste período de colonização, alguns tinham receio de abandonar esta “zona de conforto”.

O processo em que o nativo tenta voltar as suas raízes, a sua cultura, é dificultoso, pois “descolonizar não é simplesmente livrar-se das amarras do poder imperial, mas também procurar alternativas não repressivas ao discurso imperialista” (Bonnici, 2009, p. 274). O colonizado tem que ter bases estruturadas para enfrentar o seu colonizador e assim poder lutar

por seus ideais e direitos. A literatura proporcionou que esta luta e resistência dos africanos fossem vista e analisadas com mais ênfase, colocando o colonizador e o colonizado em seus devidos lugares, abrindo portas para a imaginação sem deixar de lado a realidade.

Neste âmbito podemos ressaltar a busca pela identidade do povo africano após a colonização. A identidade cultural que é formada a partir de valores e normas em que uma sociedade está ligada foi retirada do povo africano durante a colonização, e os mesmos procuram fixa-la novamente as suas vidas. Esta busca pela identidade dos africanos colonizados é bastante perceptível na sua literatura com a utilização da linguagem, que ainda é algo muito problemático em alguns países africanos, pois a

[...] adoção da língua portuguesa como língua oficial nos *Cinco*, é preciso reflectir sobre as relações intrínsecas entre *língua / cultura / identidade*, relações que não podem ignorar a dominância original da cultura da maioria dos falantes desses países. Deste modo, a língua portuguesa é o reflexo de culturas distintas, assumindo-se como uma forma de enunciar culturas, que não apenas a cultura *lusa* (daí a inadequação da expressão “cultura lusófona”: pela globalização abusiva, mesmo se a expressão se apresente no plural – “culturas lusófonas”), de fixação de uma “cultura nacional”. (MATA, 2010, p. 23)

Mata nos mostra um questionamento sobre a utilização da língua portuguesa como língua materna nestes “Cinco” países africanos, os quais são Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe, pois revela a subalternização que ainda estaria presente nessas comunidades, impossibilitando que as identidades culturais desses países se revelem totalmente. A língua portuguesa é tida ainda como uma “língua exclusiva de uma política cultural, linguística e educativa desadequada a realidade que continua a funcionar exclusivamente como língua de poder” (MATA, 2010, p.23), pois tudo se dá através da sua utilização, desde a educação até o exercício da cidadania. Diante disso, ela questiona “Como pode um cidadão reivindicar os seus direitos numa língua que não domina, no seu próprio país?” (MATA, 2010, p.24), ou seja, não teria como uma população brigar por sua identidade ainda fazendo uso da identidade do seu colonizador.

Entretanto, como já afirmado anteriormente, a descolonização não acontece de uma hora pra outra, pois a descolonização que “é o processo de desmascaramento e demolição do poder colonial em todos os seus aspectos” (BONNICI, 2009, p. 272), pode não ser tão abrangente pelo fato de que o uso da linguagem do colonizador pode não deixar de ser utilizado pelo colonizado, afinal foram anos de poder europeu em cima dos africanos.

Diante disso, a construção da identidade se dá em cima da descolonização da mente, onde o indivíduo pensa por si e pelo seu povo estabelecendo uma relação de confronto com o seu passado e buscando, aos poucos, a sua identidade “perdida” nestes anos de tormento. E é neste ponto que vários escritores africanos se agarram para mostrarem a sua força diante deste passado. A busca pela identidade é algo que vemos em poemas e narrativas de muitos escritores, dentre eles iremos enfatizar a escrita da autora santomense Olinda Beja, quem traz uma singularidade em nos mostrar de forma poética a sua admiração pela sua terra natal procurando sempre manter um paralelo com o passado, o presente e o futuro, nos mostrando que a sua identidade não está perdida, apesar de ter deixado a sua terra muito cedo, mas sim adormecida, podendo vir a despertar ainda mais forte.

CAPÍTULO 2

2. A CULTURA INSULAR

A definição mais calorosa que se tem de uma ilha é de um local paradisíaco e calmo onde se podem recarregar energias positivas e voltar para seu mundo congestionado de afazeres desgastantes. Esta ideia dada a estas maravilhas da natureza, criada por Deus, como afirma Germano Almeida “que Deus tinha acabado de fazer o mundo [...] quando reparou nas suas mãos, ainda sujas de barro. Sacudiu-se ao acaso no espaço, mas pouco tempo depois, viu pequenas ilhas brotando alugares perto da África”(1998, p. 11), insinuando um mero acaso na criação divina. As ilhas seriam de certa forma, uma criação no ato do descanso de Deus.

Entretanto acreditar que as ilhas só teriam a boa função de trazer paz para quem a recorre, é muito delicado. As ilhas tiveram um passado doloroso e massacrante em sua história, como é o caso das Ilhas de São Tomé e Príncipe, que iremos aprofundar mais adiante. Para mais, cabe ressaltar que este passado deixou marcas profundas nos povos e na cultura local, onde a sua identidade foi destruída e no seu lugar construída uma nova e coerciva identidade.

A Ilha de São Tomé e Príncipe está localizada no Golfo da Guiné, com uma distância de cerca de 150 km uma da outra e 300 km da costa ocidental do continente africano. São ilhas cercadas por outros sete ilhéus de origens vulcânicas. Atualmente o número populacional é de 204.921 habitantes¹. Sobre a língua

Embora se defina na prática como áreas de expressão bilíngue, haja vista a coexistência de idiomas crioulos por todo o seu território, São Tomé e Príncipe, [...] tem como língua oficial o idioma português. Cada uma das suas principais ilhas apresenta seus crioulos próprios, mas é o forro, originário de São Tomé o que divide com a língua portuguesa o conceito de unidade linguística nacional, sendo, portanto, reconhecido como língua santomé. (QUEIROZ, 2007, p. 160)

É necessário ressaltar que a Ilha de São Tomé e Príncipe estava desabitada até a chegada dos portugueses em 1470 e 1471, e que somente em 1493, quando Álvaro de Caminha recebe a capitania das ilhas, é que há um início de povoamento “bem sucedido” “com colonos madeirenses (chamados *moradores*), degredados, crianças judias, e escravos resgatados nas costas africanas (principalmente do Congo e da Costa da Mina)” (MATA,

¹ https://countrysimeters.info/pt/Sao_Tome_and_Principe

2010, p. 15). Todas estas pessoas estavam ali para trabalhar na produção da cana de açúcar, que foi a primeira atividade econômica na ilha. Entretanto para que pudesse haver uma comunicação entre os portugueses e as demais pessoas de diferentes origens e, conseqüentemente diferentes línguas, surgiu a língua *forro* na ilha de São Tomé e a língua *lunguyé* na ilha do Príncipe.

A língua é um ato social, onde permite que o ser interaja e se identifique com o outro, mostrando toda a sua identidade cultural presente. A conexão entre língua e cultura é profunda e este é, de fato, um ponto importante na formação cultural de São Tomé e Príncipe, como afirma Mata (2010):

A identidade cultural são-tomense: uma dinâmica feita de trajetórias linguísticas diferentes: a existência de cinco idiomas [...] utilizados por cerca de 160.000 habitantes, a saber, o *português*, os crioulos da ilha de São Tomé (o *forro*), da ilha do Príncipe (o *lunguyé*), o *cabo-verdiano* (falando sobretudo na ilha do Príncipe) e o *angolar* [...] (grifo meu, p. 25)

É perceptível a diversidade linguística que há na ilha de São Tomé e Príncipe, devido a sua diferença populacional. Também é válido ressaltar que estas línguas são provenientes do ngolá, ou como preferirem “angolar”, que seria uma língua crioula baseada no português arcaico e em línguas bantu. A língua *lunguyé* já não é tão falada como antes. Atualmente somente pessoas mais velhas residentes, ou com grande parte da vida residida na ilha do príncipe falam este idioma.

A língua santomé, “que vem funcionando como língua de comunicação nacional e de literatura ao lado da língua portuguesa” (QUEIROZ, 2007), é mais identificada nas manifestações de poesia e músicas populares, e são registrados em folhetos, mostrando as suas histórias tradicionais. Queiroz afirma que:

A santomensização de produção literária em português capitaneada pela língua santomé remete-nos, enfim aos processos de tentativas de re-apropriação linguística empreendida pelos povos subalternos na elaboração de suas identidades nacionais, artísticas e literárias como forma de resistência à hegemonia cultural das metrópoles colonizadoras. (p. 161-162)

Ou seja, os povos nativos diante do colonizador viram na linguagem popular, oral, uma forma de manifestar-se, e assim, poder mostrar a sua cultura e se apropriarem da sua língua. A questão da resistência, da luta pela identidade é bastante recorrente nas ilhas STP. Os retratos históricos do país insular mostram que, desde a colonização, STP tenta se colocar como independente e forte. E isto é visto nos escritos literários.

Os primeiros registros literários datam a segunda metade do século XIX, do autor Francisco Stockler (1839 – 1884). Stockler foi um dos primeiros a escrever a literatura nacional e tendo alguns de seus poemas escritos em forro.

Pelo o que se faz constar, Stockler escreveu exclusivamente em forro poemas como “Sum Fâchicu Estoclê”, texto cujo título reproduz literalmente, precedido do termo senhor, a equivalência ao nome do poeta em forro, o que por sua vez poderá sugerir-nos uma estratégia consciente, por parte do autor, no sentido de nobilitar através da sua própria produção uma escrita de resistência cultural, pretensamente nacionalizada e nacionalizante, ao lado da literatura produzida em língua lusa. (QUEIROZ, 2007, p. 162)

Stockler, na segunda metade do século XIX, já tentava fazer com que os escritores e escritoras das ilhas STP tivessem consciência da nacionalização. Ele traça formas em que dignifica a luta pela cultura, a resistência de um país que tem a literatura escrita em língua lusa, devido à influência colonizadora. Estes movimentos, que tem como ponto significativo a literatura de extração oral, também eram vistos em participações de diversos autores no “jornalismo contestatório, através de movimentos associativos de feição pan-africana em colaboração com as outras ex-colônias portuguesas da África.” (QUEIROZ, 2007, p. 183). Autores eram prógonos da literatura nacional, fazendo com que os futuros autores viessem a se espelhar nestas obras.

Desta forma, a literatura de São Tomé e Príncipe foi crescendo através da resistência, através de escritos que mostram a cultura e a luta por liberdade de um povo. Dentre vários escritores temos José Francisco Tenreiro que, atualmente tem o nome em um prêmio literário devido a sua importância na literatura santomense. Tenreiro foi um “poeta surgido na primeira metade do século XX” (QUEIROZ, 2007, p. 165), e traz poesias de cunho reivindicador, satírico e representativo da sua localidade. Mostra-nos como o africano se porta no processo de afirmação nacionalista de um país colonizado.

[...] por razões que se prendem com a natureza do processo formativo da sociedade colonial são-tomense (e porventura de outras sociedades coloniais dos territórios portugueses) e o seu desenvolvimento, a poesia foi forma privilegiada da expressão literária de São Tomé e Príncipe. Este fenômeno ainda se verifica hoje, mais de sessenta anos depois da publicação da obra que ficou como marco da modernidade literária são-tomense, *Ilha de Nome Santo* (1942), de *Francisco José Tenreiro*: de facto, ainda hoje, em período pós-colonial, a substância da primeira recepção da expressão “literatura são-tomense” é ainda a forma da poesia. (MATA, 2010, p. 55)

Ressaltamos que, após 76 anos, a obra citada no fragmento acima ainda é uma grande referência não só para poetas da ilha de STP, como também diversos poetas que buscam uma forma mais reivindicadora no modo de fazer poesia. Tem-se a consciência que a luta pelos direitos de um povo ficou registrada em forma de escritos literários e estes escritos podem ser vistos como citações para retratar esses momentos históricos. José Francisco Tenreiro foi um dos primeiros a trazer em sua poesia a tristeza e o encantamento de uma terra que foi colonizada e que luta para ter a sua identidade reestruturada.

Mas não é só de homens que se faz esta lista poética tão encantadora. Acreditamos que o universo feminino também veio para complementar e glorificar o espaço da poesia na ilha de STP. Dentre as escritoras santomenses destacam-se Alda Espírito Santo, Conceição Lima, Maria Manuela Margarido e Maria Olinda de Beja Martins Assunção, a qual iremos aprofundar os estudos referentes à sua poesia. Entretanto, “os registros de uma escrita santomense de autoria feminina remontam ainda a primeira metade do século XX, através de nomes como os de Aurora Jardim (São Tomé, 1898-1988) e Sara Pinto Coelho (Príncipe, 1913-1990)” (QUEIROZ, 2007, p.185-186).

2.1 A ESCRITORA, OLINDA BEJA

Maria Olinda de Beja Martins Assunção é filha de mãe africana e pai português, nasceu em Guadalupe na ilha de São Tomé. Aos dois anos de idade foi mandada pelo pai para junto de sua família paterna nas terras da Beira Alta, no Viseu, em Portugal, onde fez seus primeiros estudos e tornou-se uma cidadã portuguesa, voltando a sua terra natal somente aos trinta e sete anos de idade. Olinda Beja é licenciada em Línguas e Literaturas Modernas pela Universidade do Porto, tendo como atividade, além da escrita de poemas e romances, professora e pesquisadora na área de linguística e pedagógica. Ela também lecionou em escolas do Ensino Secundário em Lausanne, na Suíça. Devido a sua longa estada fora do país de origem, é perceptível em

[...] significativos momentos de sua obra poética seriam permeados por uma busca da origem, traduzidos na evocação nostálgica da infância e na tentativa de compreender, através dos meandros da rememoração, sua própria pertença geográfica e afetiva, ainda que neste mesmo exercício acabasse por ilustrar a consciência de uma identidade cultural que se afirma mesclada, híbrida, marcada pela diferença. (QUEIROZ, 2007, p. 201)

Os textos de Olinda Beja são marcados pela saudade das ilhas irmãs, além de retratos do cotidiano e da misticidade que permeia o pequeno país. Há também uma necessidade da autora em pertencer ao lugar que deixou ainda criança, tempo em que sua memória não guardara tudo que era necessário para se sentir totalmente abraçada. O seu retorno configurou em momentos de identificação com a terra natal e identificação com si mesma.

Nesta auto identificação com o meio insular, a autora publica a narrativa “*Quinze dias de Regresso*” no ano de 1993, onde

[...] Maria Olinda Beja transporta para a prática ficcional uma projeção autobiográfica que uma leitura mais atenta já descobre na sua poesia. *Quinze Dias de Regresso*, que a própria autora inclui no que considera “Trilogia do afastamento”, [...] é um romance de reconstrução da identidade individual de Olívia, que busca nos fragmentos da vivência de Xixinha, a Olívia-menina, o reencontro com os mitos e signos da memória, para, confrontando-os com os da sua aprendizagens afectiva e cultural, cerzir a sua história e assim reconciliar-se com o seu presente e projectar o seu futuro. (MATA, 2010, p. 125)

Como coloca Inocência Mata, as questões que permeiam a escrita de Olinda Beja estão ligadas à crise indenitária das personagens, já que o livro citado tem uma projeção autobiográfica, o que nos faz encontrar traços e desejos da própria autora. Isso não só é percebido nas escritas narrativas de Beja, mas também em seus poemas, os quais, alguns serão analisados mais a frente.

Nos escritos literários da mulher africana encontramos toda a luta por seu lugar no espaço que, desde o colonialismo foi comandado pelo homem, como afirma Bonicci (2009, p. 267) “A mulher é duplamente colonizada pela sociedade indígena e pelo poder colonial”. Neste caso, utilizaremos a forma de dizer que a mulher é duplamente colonizada, pois teria que ser submissa a todos os homens e a toda forma de vivência imposta pela masculinidade. Entretanto, isto vem a ser quebrado quando “A voz da mulher na ficção e no desenvolvimento do cânone literário rompe os pressupostos masculinos” (BONICCI, 2009, p. 267), e é neste sentido que a produção literária feminina da ilha de São Tomé e Príncipe é também posta. O sentido da literatura para reivindicar o seu lugar, lutar pelos seus direitos, pois

[...] a produção textual das escritoras santomenses reflete, também a partir da realidade de São Tomé e Príncipe, o significativo espaço que a mulher africana lusófona vem ocupando nas emergentes literatura do continente. [...] E é militando em frente as mais diversas, mas não necessariamente divergentes, que nomes como estes, de Inocência Mata, Olinda Beja ou conceição Lima inscrevem suas vozes às tantas outras expressões artísticas insulares que tratam de concertar, como faz o pássaro ossobó no interior da

mata, um grande e afinado diálogo das ilhas consigo próprias e com o mundo. (QUEIROZ, 2007, p. 208-209)

Os escritos das mulheres santomenses são recheados de memórias, saudades e reivindicações, são cantos de dores e alegrias, de misticismos, de encantos da natureza. São poesias que Queiroz (2007) afirma serem um concerto e compara ao canto do ossobó, ave característica das ilhas de São Tomé e Príncipe que anuncia com seu belíssimo canto a chegada das chuvas, para mostrar a beleza e o encantamento dos mesmos. A literatura africana de autoria feminina de expressão portuguesa é um leque de maravilhas aos olhos de quem as lê.

CAPÍTULO 3

3. À SOMBRA DO OKÁ, ANÁLISE

O cenário de revolução e evolução das ilhas de São Tomé e Príncipe nos revela diversas obras que contam sua história, que nos remetem a um passado não muito distante recheado de saudades, dores e, como diz a nossa autora, Olinda Beja, “são história de sangue, suor e lágrimas”². E é neste contexto que iremos embarcar ao analisar o livro “*À sombra do Oká*”, galardoado com o mais importante prêmio literário de STP, o Prêmio Literário Francisco José Tenreiro (2011/2012), o qual faz destacar ainda mais a importância para a cultura local, trazendo reconhecimento da obra em diversos lugares do mundo.

À sombra do Oká, é uma obra que começou a ser escrita, segundo a autora, no ano de 2005, tendo demorado 10 anos para que “o livro visse a luz do dia”³. É um belíssimo livro que mostra a rara sensibilidade e maturidade lírica da autora⁴. Dividido em duas partes, subdivididas em três e quatro partes, respectivamente, o livro apresenta uma nova coleção de imagens, aromas, sabores, silêncios e sons transfigurados no tema da obra de Olinda Beja: a cultura das ilhas de São Tomé e Príncipe. Aqui, na sombra da ancestral árvore da vida, espaço de reflexão da poesia e também de encontro com a tradicional arte da contação de histórias, atividades dos antigos griots, da arte performática dos cantadores e contadores de *sóias* e *contádjis*, gêneros característicos da curta narrativa das ilhas, Olinda Beja tece os ramos de diálogo entre sua poesia e a cultura santomense, especialmente nas referências e diálogos com consagrados poetas das ilhas: Francisco José Tenreiro, Maria Manuela Margarido, Alda do Espírito Santo e Conceição Lima, num espaço de memória de uma comunidade imaginada através da e na própria expressão lírica.

O livro é dividido em duas partes, contendo na *Parte I*, intitulada: “*No limiar das sombras*”, os subtítulos “*Prelúdios*” e “*Certezas*”, onde a autora nos apresenta a sua intimidade com o Oká:

² Dito pela autora em um momento de apresentação da obra “*À sombra do Oká*”, realizado no dia 07 de novembro de 2015, na Casa Internacional de São Tomé e Príncipe.

https://www.youtube.com/watch?v=pDHZ2_PORog

³ Idem primeira referência.

⁴ Antes desse livro, Olinda Beja já havia publicado outras obras poéticas: *Bô Tendê?* (1992); *Leve, leve* (1993); *No país do Tchiloli* (1996); *Paga dêvê* – poemas com fotografias (2000); *Quebra-mar* (2001); *Água Crioula* (2002); *Aromas de Cajamanga* (2009); *O cruzeiro do Sul* (2011); além de uma larga produção em prosa.

no limiar da sombra de um velho oká
 se espreguiçam sons e brisas, rastejos e ondas
 e nossas fragilidades todas
 aqui se semeiam amores e ódios, intrigas e fleumas
 aqui se amantizam lamentos e alegrias
 como jogo de *bligá* em domingo festivo
 (BEJA, 2015, p. 19)

Ela nos dá uma dimensão do que é a figura do oká em sua vida, assim como também em sua busca pela identidade santomense, pois o mostra como aquele que conserva a memória do que ocorreu/ocorre em sua sombra, bem como a autora conserva a sua memória da sua terra natal. A figura do “Oká” também traz traços que indicam uma arte de contar história, como “griots”, a arte de sentar-se a sombra de uma frondosa árvore ou a redor de fogueiras para ouvir, contar ou cantar, e assim passaram de geração para geração.

Esta primeira parte da obra vai cedendo lugar para a *Parte II*, que tem as suas linhas intituladas com *Fragilidades*, *Dedicatórias* e *Intimidades*, onde a autora traz elementos que mostram uma melancolia maternal ao se encontrar em São Tomé e Príncipe e a alegria em fazer parte deste mundo que traz tanta paz para seus dias:

aqui é o meu refúgio secular, minha âncora, minha mátria
 onde o poema se derrama
 como estrelas cadentes em céu de maio
 (BEJA, 2015, p. 49)

E por fim, o mais importante dos títulos *À sombra do Oká*. Nesta parte a autora nos apresenta minuciosamente o que o oká representa na sua vida, as lembranças que ele lhe proporciona e a sua vontade de regressar a sua amada terra e ser abraçada pelo seu povo, pois será lá que ficará em paz:

ficarei em paz à sombra do oká
 na claridade dos campos de capim e lemba-lemba
 campos que minha avó plantou e capinou e repartiu
 cestas e cestas de goiaba
 (BEJA, 2015, p.87)

Percebemos que a estrutura da obra mostra:

[...] a interlocução que se estabelece entre sujeito de enunciação e Oká, erigido a metonímia da alma comunitária, tanto desenha o vivido (“aqui é o momento da chuva, da palavra, do poema / aqui é a casa que meu avó Horácio ergueu e me deixou por herança”), quanto se projecta no futuro propondo uma harmoniosa conciliação entre natureza e cultura [...] (MATA, 2015, p. 16)

Ou seja, pode nos fazer viajar entre o mundo passado nos remetendo ao futuro, nos colocando em total harmonia com a natureza que ela nos apresenta. A escrita estabelece uma relação entre esses dois mundos, onde é possível perceber a procura da autora em construir a sua identidade interrompida da sua terra natal.

Inicialmente, podemos pensar que o livro em questão é um grande e saboroso diário, escrito em poemas sobre uma terra que um dia foi palco de separações familiares e vários outros tristes momentos, mas que não perdeu a fascinação e a sua beleza. A obra nos revela uma saudade contida no coração de toda a população santomense,

Um dia voltarás ao cafezal.
 Colherás um a um os bagos que se oferecem
 à rubridão da luz.
 Um a um encherás o saco da desfatura
 que ainda volteia
 ao redor do teu ventre
 e a cada bago será o diadema do húmus
 e do útero
 e da nossa semente infinda
 como ginguba semeada em terra prenhe de Uba-Flor
 (BEJA, 2015, p. 23)

No poema, intitulado “*Certezas*”, percebemos a presença da saudade, onde a autora faz-se lembrar dos tempos dos cafezais nas ilhas de São Tomé e Príncipe. É válido ressaltar que as ilhas irmãs são grandes produtoras de café e cacau ainda nos dias atuais. Entretanto, neste momento em que possivelmente é escrito o poema, os cafezais, que eram a riqueza do lugar, estavam acabados e sem previsão para novos plantios. Ver que esta riqueza estava praticamente extinta, remeteu a uma saudade dos tempos em que aquela cultura agrícola era a beleza e alegria de um lugar. Contudo, é perceptível que o pensar no futuro é algo que satisfaz o sentimento de saudade. Os verbos conjugados no futuro do indicativo nos mostram algo que viria a acontecer em relação ao presente vivido, uma esperança de tudo voltar a serem como antes, os cafezais, o trabalho, a vida, que seria dura, mas necessária para sobrevivência, uma indicação de “*Certezas*”, ou seja, algo que certamente irá ocorrer.

O poema vai se estruturando com palavras de esperanças, nos apresentando um provável futuro. Nos mostra traços que indicam um tempo feliz, apesar dos pesares na labuta com esta cultura.

voltarás a saborear do fruto do aroma
no café da manhã virgens de cansaços
nas horas lentas de nossa ínsula abençoada

voltarás a serpentar os velhos caminhos do mato
a florear os ramos na estação das chuvas
e tua boca será pequena demais para albergar tanto sorriso
(BEJA, 2015, p. 24)

Percebemos que o termo “*Voltarás*”, torna-se uma anáfora, revelando uma compreensão de que o voltar a algo que nos traz paz e aconchego familiar é uma ideia bastante recorrente nos poemas contidos nessa obra, isso demonstra o quanto esse desejo da autora é forte e pertinente. Mas, é a questão “voltarás a serpentar os velhos caminhos do mato”, que nos salta aos olhos. Podemos entender aqui, não somente ao fato do agricultor voltar ao seu trabalho, o qual seria bastante produtivo, mas também nos dá sinais da volta da autora a sua terra, trazendo felicidade ao seu íntimo, uma felicidade tamanha que a “boca será pequena demais para albergar tanto sorriso”.

Como já mencionado anteriormente, o livro “*À sombra do Oká*” traz uma saudade contida e transformada em versos, ora dolorosos, ora alegres, mas sempre com desejos de voltar. Este “voltar” contém diversas conjunturas. O voltar a felicidade de ver o seu cafezal brotando e lhes dando o sustento necessário. O voltar a terra natal e ser inundado pela identidade perdida, a reconstrução de um ser. Contudo, é possível perceber momentos de denúncias inclusos nos versos.

repetirás a exatidão dos gestos
e tua será a vermelhidão dos bagos outrora brancos
em suas infrutescências.
Como noiva em seu vestido imaculado
assim florirão teus ramos
assim se mostrarão aos passantes da beira dos caminhos
como o ventre fecundo das mulheres que carregam seus infantes

e o que outrora foi sangue e lágrimas será vida
o que foi mágoa será fruto e será flor
e não mais escarnecerão de tua lustrosa , híbrida pele
(BEJA, 2015, p. 25)

O espaço das ilhas de São Tomé e Príncipe torna-se *locus* inspiracional da poesia e tema de onde o eu-lírico de Olinda Beja busca sua identidade, a saber, sua santomensidade. Neste fragmento, ainda é possível ver o olhar para o futuro, entretanto nos fazendo lembrar o passado, onde as mulheres tinham que servir “aos passantes da beira dos caminhos”, homens esses que às torturavam e às deixavam por sofrer, carregando em seus ventres filhos que, em

sua maioria elas criavam sozinhas. Estes poemas também exaltam a beleza da mulher africana e a sua força. A autora não somente acalorou a beleza da “lustrosa, híbrida pele”, como também descreveu a sua força, revelando que a sua vida fora constituída de “sangue e lágrimas”, mas não deixando de afirmar que há esperança de que todo esse sofrimento acabe quando diz que “o que foi mágoa será fruto e flor”.

Como vimos até aqui, nesta parte de “*Certeza*”, a autora relembra um passado, não vivido por ela, mas sentido em sua alma, e dá uma revelação de esperança para o futuro. Entretanto, no poema “VIII” ela quebra um pouco a conjugação verbal no futuro do indicativo para iniciar uma conjugação no presente:

conjugaráis no presente (sempre no presente)
 o verbo ser – eu sou
 e o amar – eu amo
 e o repartir – eu reparto
 e o perdoar – eu perdoo
 e então sim,
 então poderás dizer todas as palavras melíferas
 e límpidas que ainda guardas no teu sonho implume
 (BEJA, 2015, p. 32)

A forma como são conjugados estes verbos nos dão a ideia de uma vivência em harmonia com os que se encontram ao nosso redor. A autora introduz nesses versos uma compreensão a mais sobre a vida, onde o ato de ser quem é, de amar a todos, de repartir o pouco que tem e de perdoar a quem lhe fez mal, faz com que tenhamos mais delicadeza e doçura aos sofrimentos alheios, não maltratando a quem é diferente de nós e nem os julgando, apenas os amando.

Neste poema a autora faz uma dança com as palavras. Partindo da compreensão de que as palavras podem fazer maravilhas, onde o ato de escrever, de ler, traz mundos e sonhos a nossas vidas. Ela mostra que a poesia alimenta a vida das ilhas:

pega no arado das palavras e verás
 que elas produzem o pão da nossa vida
 (BEJA, 2015, p. 32)

O ato de falar, criar algo com as palavras na escrita traz a sensibilidade em viver e conviver com os outros a nossa volta. A literatura africana tem a sua magia e encantamento nas palavras por si só. A escrita de autoria feminina além dessas qualidades traz também as suas dores e força contida em linhas. Palavras que embalam sonos ou abrem olhos, que

transmitem paz ou produz raivas, mas que, de alguma forma nos emocionam, e é assim que escritora Olinda Beja vê as palavras e procura transmite-las, tocando o coração do leitor.

Resgatando o que já foi mencionado, a obra “*À sombra do Oká*” tem esta primeira parte, “*Certezas*”, escrita com os verbos no tempo futuro. Devido a isso, consideramos que a autora procurou introduzir as poucas lembranças que tinha do seu passado nas ilhas de STP, com o que percebera ao retornar a sua terra depois de mais de trinta anos, e assim poder lançar o seu desejo de voltar a santomensidade, de voltar a suas raízes e reerguer a sua identidade.

Partindo do pressuposto de mostrar a sua identidade santomense através da escrita poética, a autora mostra nos seguintes versos a importância de voltar ao convívio de sua terra amada:

aqui, neste sul de muralhas e vigílias, de secadores gastos pelo
tempo e pela noite
aqui, dobrado o dia em cíclicas cadências, em inesperados mares
e *obôs* sonolentos
entre Malazana e Monte Mário, a vida desagitada, serena,
alegremente
despida de cuidados
aqui é meu refúgio secular, minha âncora, minha mátria
onde o poema se derrama
como estrelas cadentes e céu de maio
(BEJA, 2015, p. 49)

Neste fragmento, contido na segunda parte, “*Fragilidades*”, a autora nos revela o seu momento de criação poética, a qual se daria em meio à natureza. E esta natureza seria encontrada nas ilhas de STP. Seria lá onde teria as maiores inspirações e os poemas se derramariam. Em primeiro plano ela identifica o lugar, como sendo calmo e alegre, o que a dará mais encanto na produção. Demonstra que este lugar é onde tudo se renova e se recria, é o local da sua “purificação espiritual”, onde a sua santomensidade se fortalece.

Observemos que nesta segunda parte, a escrita é mais voltada para o encantamento da paisagem, para o que é visto, apreciado e sentido, entretanto não deixa de vivenciar a saudade e as mágoas. Pois tudo deve ser sentido, assim como a *chuva*, o elemento que a autora mais intensifica na obra. Talvez para demonstrar a limpidez com que é composto os seus escritos.

Toda a questão que envolve a natureza é pautada de alguma forma nos poemas de Olinda Beja, isso mostra o seu enorme amor pela natureza e pela paisagem de sua terra, uma vez que elas revelam parte da construção identitária do eu-lírico da autora com sua terra-Mater. E isso revela que a sua identidade não está tão abalada devido a sua pouca vivência com sua terra natal.

chora o *ossobô*. Chove na floresta
 molhada ficam suas penas, suas asas
 o canto repetido é memória de jaqueira
 folhas escondidas em recôndidos troncos

não mais prantearás o deslizamento do Contador
 breve passagem na floresta da existência
 relento de incerteza na música efêmera do teu canto

chora o *ossobô*. Ritual de pranto em nossas vidas
 enquanto se orvalha o corpo ereto das jaqueiras
 (BEJA, 2015, p. 55)

A ave de nome *ossobó* é conhecida, nas terras africanas, por o seu canto indicar um tempo chuvoso. Neste fragmento o canto do *ossobó* é um choro que remonta as tristes memórias da floresta através da chuva. O canto triste que trazia a chuva e mostrava o sofrimento dos que ali passaram.

As florestas contidas nas ilhas irmãs são motivo para alegrias e também tristezas. O *ossobó*, como uma ave muito conhecida nas terras africanas pelo seu canto e plumagens exuberantes, vem como elemento que faz uma ligação com o passado, onde avisa que a chuva está a vir e com ela toda a memória de dor, pois embora o canto do pássaro seja fascinante, as lembranças são marcas profundas e recorrentes.

Há na literatura Africana, uma grande demanda de escritos que ressaltam um imaginário fantástico na África, contudo em suas florestas, estes elementos são encontrados em obras de autores como Mia Couto e Paulina Chiziane. Entretanto, é possível perceber na poesia de Olinda Beja não somente o imaginário popular, mas também a realidade desse povo que ainda sofre as consequências dessa colonização.

nosso *obô* se transformou em gólgota, em campo acinzentado
 onde nossas mãos se entregam ao derrube e à usurpação
 temos ainda o sol e a chuva nossa irmã para florescer
 (BEJA, 2015, p.56)

A autora descreve o momento em que a floresta, “Obô”, que um dia foi virgem, não tocada por nenhuma maldade humana, agora está deteriorada, mas, ainda assim, há a esperança, pois a chuva e o sol fariam seu belíssimo trabalho.

as rosas encherão a pérgula de nossas casas de madeira
 onde se há de ouvir falar do coração da terra
 dorido, sofrido, magoado coração

(BEJA, 2015, p. 56)

E nesse cenário todo de destruição, a natureza se ergueria com todas suas dores, mas linda, com todas suas forças. Pensaremos que este poema se encontra nesta parte do livro de nome “*Fragilidades*” para demonstrar a delicadeza que é a natureza quando vista e exaltada, mas também a sua força que é para se reerguer dos ataques brutais que partem dos humanos. Faremos aqui um paralelo com o povo africano, em especial os das ilhas de São Tomé e Príncipe, pois sofreram e, como a natureza, se reergueram ainda mais fortes.

No final deste poema, a nossa escritora destaca que “tudo é efêmero, perene apenas o vento sul / e as rosas da madeira” (BEJA, 2015, p. 56), para mostrar que tudo na vida é passageiro e sem condições de volta, mas que há somente os ventos que são contínuos e a natureza que sempre brota a se renovar.

As línguas utilizadas em São Tomé e Príncipe é o *Forro* e o *Português*. Como embarcamos em uma literatura africana de língua portuguesa, podemos destacar o uso de expressões nas duas línguas dentro dos poemas de Olinda Beja.

sabe a retorno a velha casa. A certeza da calma e do silêncio
o fogo, o odor do *bôcadu* no *d'já chinja*
Evódia partindo caroço
acoitada à sombra do safuzeiro
(BEJA, 2015, p. 54)

Neste fragmento a autora utiliza as palavras “*bôcadu*” e “*d'já chinja*” para designar um evento religioso. São palavras em idioma *Forro*, que são introduzidas ao poema, escrito de forma a demonstrar o processo de criouliização do português, que mostram as dimensões do colonialismo, onde a língua portuguesa foi introduzida de tal forma, com tal força que se torna difícil, mesmo com tantos anos passados, retirá-la totalmente da vida dos africanos. Como já dito anteriormente, as ilhas de STP tem a língua oficial, que é o português, devido a influência colonial, e tem suas diversas outras ramificações de línguas insulares, como o lunguyé, bastante utilizada na ilha do Príncipe, o forro mais usado na ilha de São Tomé e o crioulo, dentre estas, Beja utiliza o idioma forro para intensificar a sua escrita junto ao português e demonstrar a valorização da cultura e língua locais através da resistência a imposição do idioma do colonizador.

Os poemas contidos na obra “*À sombra do Oká*” são diversificados, mas não deixando de falar da natureza, da saudade, lembranças, felicidade, dores e da esperança. Entretanto, em uma pequena parte intitulada “*Dedicatórias*”, a autora traz elementos que mostram todo o

agradecimento às ilhas de São Tomé e Príncipe, como também ao seu povo e àqueles que proporcionaram a sua vivência novamente às ilhas, como podemos em “Ao povo das ilhas”.

com o barro e com as mãos moldas o sonho
 com o sonho e com o barro moldas as mãos
 com as mãos e com o sonho moldas o barro
 com as mãos, com o barro, com o sonho moldas as ilhas
 (BEJA, 2015, p. 70)

É perceptível o amor que a escritora tem pelo povo santomense. Nesta dedicatória ela utiliza-se da inteligência e força do povo em manter e reerguer as ilhas depois de qualquer momento ruim passado. Levando eles a acreditarem na sua força e nos seus sonhos para construir um lugar melhor.

Dentre as dedicatórias, é feita uma “A Cabo Verde nha terra irmã”.

quando as ilhas se encontram e se beijam
 fica a marulhar das vagas na garganta do poeta
 oh terra *longi*, terra de contrato escorrendo *sôdad*
 (BEJA, 2015, p. 74)

Neste poema se fala muito da saudade por deixar a família em outro lugar e ir em busca de melhorias. A terra irmã, Cabo Verde, é considerada dessa forma por também ter sofrido o mesmo que as ilhas de São Tomé e Príncipe sofreram, por terem passado pelos mesmos momentos de dor. Semelhantemente, foram ilhas descobertas pelos portugueses, e que ali instalaram uma população de escravos para trabalhos de exploração, foram também ilhas tidas como exílios, onde escravos eram deixados para morrer. Na ilha de Cabo Verde também se tem como língua oficial o português, mas, como nas ilhas de São Tomé e Príncipe, há uma língua tida como “língua do povo” que é o “Crioulo cabo-verdiano”, que foi construída através de formas de comunicação entre os escravos. Todas estas semelhanças fazem com que haja um compadecimento entre as ilhas citadas.

A próxima parte do livro, a qual recebeu o nome de “Intimidades”, qualifica não as intimidades da autora, mas sim a sua intimidade com a sua terra natal. Ela transmite, de forma envolvente, uma lembrança boa e atraente:

no quali de teus seios o aroma do café da manhã
 do café torrado e moído e sorvido entre risos largos de teu rosto
 a velha cadeira onde se estiram as horas remansadas de meus
 remotos avós
 emblema de nossa ancestralidade mátria

(BEJA, 2015, p. 76)

No fragmento é possível remontar a imagem de uma casa simples, cheia de sensações. É possível sentir o cheiro do café a impregnar o ambiente. A autora permite que enxerguemos o local onde se passa essa cena ao mencionar “a cadeira”, vive o passado ao relembrar seus avós e mostra que é ali onde se encontra o seu eu verdadeiro.

No quesito intimidades os poemas vão se desenvolvendo através de uma teia de bons e fortes sentimentos. São histórias ditas de forma bela a agraciar os sentimentos tidos pelas ilhas

não mais te perderei nas margens do rio
agora que atamos a *bança* ao tempo que nos fugiu

voltemos à casa da praia onde só habitam búzios
mas onde a manhã nasce com as aves e os risos das crianças

havemos de recuperar mãe
havemos de recuperar o capim das nossas vidas
e com ele verdejaremos a estrada longa de Guadalupe
(BEJA, 2015, p. 80)

É válido ressaltar que Olinda Beja nasceu na cidade de Guadalupe, localizada na ilha de São Tomé. E é para lá que ela retorna, fazendo assim regressar também todas as suas lembranças não vividas. Neste fragmento do último poema da parte “Intimidades”, ela nos deixa interpretar que jamais deixará a sua terra natal, utilizando a palavra “*bança*”, termo empregado para designar cordas usadas para subir em palmeiras, para firmar mais ainda a sua forte presença nas ilhas, pois atou esta corda a um tempo que dela fugiu. Ainda trazendo a ideia de que esse retorno a fará, ou os farão recuperar as suas memórias guardadas de seus entes queridos e assim poder viver com esta felicidade.

Este poema nos dá uma sensação de final da reta, aquele sentimento cheio de felicidade, como se quisesse dizer a frase típica dos contos de fada, “e foram felizes para sempre”. Quando nas seguintes estrofes ela ressalta:

podemos abrigar nos sonhos à sombra do velho oká
onde sei que ficarão felizes os meus e os teus ossos
(BEJA, 2015, p. 80)

Entendemos como um desejo de permanecer sempre na ilha e, mesmo que os sonhos não sejam realizados, eles descansarão junto como o seu corpo e ossos à sombra o oká, porque o oká seria o motivo de volta de todos aqueles que partiram da sua terra amada,

porque no oká está contido todas as memórias e história de um povo. E aqui chegamos a última parte deste livro surpreendente.

Em uma entrevista⁵ de apresentação do livro “*À sombra do Oká*”, a autora Olinda Beja relata que, inicialmente o que veio primeiro foi o café, a sua história, os sofrimentos de um povo que dependia desta cultura, e que muito depois é que veio o Oká, esta árvore secular que atrai a todos por sua grandeza e beleza. Além do mais era/é a árvore que se encontra no caminho que faz para chegar a Guadalupe, a cidade onde nasceu como já dito anteriormente.

A história de sangue, suor e lágrimas toma forma de despedidas e conforto. Percebamos que mesmo a obra sendo dividida em partes, elas têm toda uma ligação entre si. Se na parte anterior foi findada coma ideia de que estaria feliz se os seus ossos fossem guardados pelo oká, nesta parte se inicia com este mesmo pensamento:

à sombra do oká repousarão meus dias atados em silêncio e
em penumbra
será ali minha última casa, meu pássaro de fogo ancorado em
meus límpidos
ossos
dispersos ossos ao redor do coração do teu tronco
como algas que pernoitam em areias pardacentos
(BEJA, 2015, p. 83)

Há uma continuidade, há ainda a ideia de que a sombra do oká será a sua casa final, onde descansará os seus sonhos. Nesta parte do livro é que podemos conhecer a magnitude da árvore que dá título à obra e todas as suas histórias. Indagamos sobre o poder que esta árvore tem sobre o povo de São Tomé e Príncipe, pois é tratada como um ser protetor de todo mal:

não haverá mais sombra nos meus sonhos
o velho oká há de proteger minhas estradas com seu manto
de verde
e rosa púrpura
(BEJA, 2015, p. 83)

E ainda, uma forma de dizer que não haverá mais negação, pois lá é sua terra mãe, seu lugar de pertencimento:

ali ninguém mais se atreverá a negar-me o chão
a negar-me a matéria, húmus materno doce e quente e
quente e úmido

⁵ Apresentação da obra “*À sombra do Oká*”, realizada no dia 07 de novembro de 2015, na Casa Internacional de São Tomé e Príncipe.
https://www.youtube.com/watch?v=pDHZ2_POROG

o catre onde sempre estirei meu poema e minha mágoa e
 minha sede
 (BEJA, 2015, p. 83)

Os escritos de Olinda Beja, como já mencionado anteriormente, nos mostra toda a saudade da terra natal, assim como também a sua vontade de reestabelecer a sua identidade. Quando se é colocado “ninguém mais se atreverá a negar-me o chão [...] a mátria”, mostra o quanto foi fincada a sua posição quanto a sua terra natal. O oká representa uma gama de lembranças boas ou tristes, mas importantes para o crescimento identitário. Ele traz a alegria de uma infância quase esquecida, de uma juventude não vivida, mas amadurecida e enraizada junto com as raízes do oká.

No desenrolar desta parte, notamos a delicadeza com qual a autora descreve o oká, como é desencadeada a ideia de alegria como a pureza e fascínio de uma criança.

à sombra do oká se espelharão águas
 de todas as ribeiras sombreadas de paz
 cristalinas águas de pureza incandescente
 minha fonte perene de alegria inacabada
 nascente e foz onde outrora se desfizeram vidas
 e onde minha mãe cumpriu *pagá ^deve*
 (BEJA, 2015, p. 84)

Nesta estrofe é possível perceber o quão alegre está a se ver presente o oká, as doces lembranças que são trazidas a tal momento, como bem são colocadas “fonte perene de alegria”. Entretanto nos dois últimos versos o contexto muda, e mostra que houve dor naquele mesmo ambiente, que “desfizeram vidas”, e deixa no ar a ideia de se cumprir um ritual, o qual não esclarece que tipo de ritual seria esse.

O oká é uma árvore forte e cheia de beleza, e ainda são introduzida a eles história de magia e encantamento, como maioria das narrativas e/ou poemas africanos trazem em suas linhas. A árvore é forte, robusta e lendária:

teus ramos serão fortes e afastarão abutres, falcões e hienas
 tua fama de feitiço atravessará a noite e só a noite
 responderá por mim
 (BEJA, 2015, p. 85)

É perceptível nos poemas de Olinda Beja que ela tem o oká, mas precisamente a sua sombra, como um local de descanso, de paz, um local para pensar. O oká é um espaço mágico para criações, como disse a autora na já citada entrevista, que esta árvore está na sua alma,

pois a encontra todas as vezes no caminho que faz de volta pra casa. No mais, ela ainda declama um último poema ao Oká:

terás em teu ventre meu último poema
 minha salgada memória feita de cais e lenho de canoas
 meus fantasmas do nada ressequidos em teus séculos

podes vir buscar-me, oká
 podes vir buscar-me
 és a casa onde respiro e adormeço
 onde pressinto a fímbria de nossas insularidades
 (BEJA, 2015, p. 91)

Nestes últimos versos a autora se entrega ao oká, pois só ali terá a paz tanto desejada, só ali será protegidos e guardados os seus sonhos.

O oká, a árvore que traz toda essa ternura a uma terra, transcorre por toda a obra, abrindo caminhos para os sonhos e esperanças, fundindo um passado para levantar um futuro. Ele é quem traz a história de São Tomé e Príncipe e faz todas as memórias se levantarem com uma nova visão de esperança. Ele induz a utilização dos elementos que indicam a santomensidade contida na obra, como a linguagem, as reminiscências de um lugar, os cheiros e gostos dos ambientes, os cantos dos pássaros, todo que levam a autora a se encontrar no seu tempo e na sua identidade cultural.

Esta obra mostra toda a riqueza de São Tomé e príncipe. O oká está presente, sendo o meio de lembranças boas e ruins, mas com belíssimas histórias para nos contar, pois sempre termina com final feliz. “À sombra do Oká” conta a história do povo daquela terra, os seus sofrimentos e alegrias enraizadas junto a árvore milenar, é a história daqueles que passaram pelo monstro do colonialismo e foram deixando suas marcas nas gerações seguintes. Mas que também aprenderam a se reerguer a cada momento ruim, e se fortificar com isso. O que a escritora Olinda Beja escreve é para ser lido, declamado e cantado. E certamente, esta obra é para ser lida, declamada e cantada como emoções afloradas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura é um meio de entretenimento excepcional, pois nos faz ir além da simples leitura. Ao ler um livro, você tem um leque de imaginações possíveis encontradas naqueles parágrafos ou versos. Ao analisar um livro, você tenta se colocar no lugar do/da escritor/escritora. Seria como entrar no universo da autora, ou como preferir ser chamada, da cantante, pois os poemas de Olinda Beja não são para serem somente lidos, mas também cantados/declamados.

É forte a presença dos efeitos coloniais no continente africano, e também em ilhas pequenas, com São Tomé e Príncipe, que foram tidas até como local para exílio, onde vários escravos eram deixados para morrer. Entretanto, as belezas que foram exaltadas em vários escritos, desde o período de colonização, onde os próprios colonizadores escreviam sobre a beleza selvagem, passando pelos escritos dos nativos, os quais seguiam a mesma linha do europeu, pois eram o que tinham para se espelharem, até chegar ao momento que poderiam mostrar em linhas as formas como viam a exuberante natureza que os cercavam.

Não é diferente com a escritora Olinda Beja, na obra analisada, “À sombra do Oká”, ela nos traz um contato com a natureza, onde lembranças de chuva, pássaros, frutas e o oká, nos remete a toda essa paisagem com gostos e cheiros. As maravilhas de uma terra que foi muito explorada, mas não deixou de se reconstruir, de renascer mais forte como o povo daquele lugar.

A procura pela identidade é um tema perceptível na obra supracitada. Há uma busca pela identidade santomense em todos os momentos de lembranças e esperanças. A autora expressa em forma de dores e alegrias as suas vivências com o passado, a sua infância, a qual não foi toda na sua cidade natal, Guadalupe em São Tomé, mas a volta à fez retomar toda uma lembrança de infância perdida, de gostos que poderia ter sentido. A volta a sua terra faz aflorar a sua santomensidade.

É explícita a abordagem que se tem sobre os elementos encontrados nas florestas africanas, sobre momentos familiares e também momentos de denúncias. A obra faz menção a tempos passados, como eram tratados os escravos, como as mulheres haviam de servir aos passantes brancos, mas também ressalta o presente com olhos para o futuro, onde tudo se alinha para o bem de todos.

No mais, “À sombra do Oká” é um convite a conhecer as ilhas irmãs e saborear-se com seus aromas e gostos, todas as belezas de uma terra que se reergueu.

REFERÊNCIAS

BEJA, Olinda. **À sombra do Oká** / Olinda Beja – São Paulo: Escrituras Editoras, 2015.

BEJA, Olinda. **Apresentação da obra “À sombra do Oká”, realizado no dia 07 de novembro de 2015, na Casa Internacional de São Tomé e Príncipe.** Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=pDHZ2_PORog>. Acessado em 27 de dezembro de 2018.

BONNICI, Thomas. Teoria e crítica pós-colonialistas. In: Thomas Bonnici e Lúcia Osana Zolin (orgs.). **Teoria literária: Abordagens históricas e Tendências contemporâneas.** 3.ed. Maringá, PR: Eduem, 2009.

MATA, Inocência. **Polifonia Insulares: Cultura e Literatura de São Tomé e Príncipe.** – (Extra-colecção). Edições Colibri. Lisboa, 2010.

QUEIROZ, Amarino Oliveira de. **AS INSCRITURAS DO VERBO: dizibilidades performáticas da palavra poética africana.** – Recife: O Autor, 2007. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco. CAC. Teoria da Literatura, 2007.